

# Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense



**Instituto Estadual do Patrimônio Cultural**  
Secretaria de Estado de Cultura - RJ



Parceria:



denominação  
**Fazenda São Paulo**

código  
**AIII - FO1 - Val**

localização  
**Estrada VL-55, 6º distrito, Conservatória**

município  
**Valença**

época de construção  
**séc. XIX**

detalhamento do estado de conservação  
**no corpo da ficha**

uso atual / original  
**residencial e comercial / fazenda de café**

proteção existente / proposta  
**nenhuma / tombamento**

proprietário  
**particular**



## situação e ambiência

A estrada de acesso à Fazenda São Paulo está numa cota mais elevada, tendo-se a partir dela a visão panorâmica de seu conjunto, com as construções bem visíveis, destacando-se os dois patamares que configuram sua parte funcional. A paisagem que emoldura a casa-sede é marcada pela topografia de morros meia laranja, onde predomina uma rala pastagem, comum na geografia regional. Marca também a frente da fazenda a confluência de dois cursos hídricos, com o rio Rochedo desaguando no seu afluente, o rio São Fernando (f. 02 e 04).



01



120



02

coordenador / data  
equipe  
histórico / revisão

**Branca R.Figueira e Annibal Affonso M. da Silva - nov 2007**  
**Mauro Reis e Rita de Fátima**  
**Adriano Novaes / Fernando Pozzobom**

revisão / data  
**Alberto Taveira - fev 2008**

A estrada chega à fazenda passando por seus fundos, ponto de acesso mais elevado, assim, às construções principais da casa-sede e do engenho de café / tulha, que apresentam, nessa aproximação, apenas um pavimento (f. 14). Um muro de pedra possuindo trabalho em argamassa na parte superior (f. 32) faz a contenção de terra e delimita este espaço (f. 13 e 20). Seu acesso principal fica entre os dois blocos e é feito por um rampado, com piso de pedra assentado em costela (f. 31).

O nível inferior é tomado por uma grande área plana onde ficavam os terreiros de café (f.01 e 63), sendo ainda visíveis seus tabuleiros, que se encontram cobertos ora por piso cimentado, ora por um gramado, mantendo sempre um espaçamento entre os mesmos e uma pequena diferença de nível (f. 09 e 33).

A frente do bloco do engenho de café / tulha, os terreiros são em sua maioria cimentados (f.08) e, somente ao final, na parte mais baixa, fica o terreiro gramado, fechado, ao fundo, por um estábulo (f.10). À esquerda ficam as demais instalações de apoio da fazenda. As construções para gado leiteiro, bem como um silo (f.11 e 12) são as mais próximas.

Mais ao fundo, quase às margens do rio São Fernando, fica um bloco horizontal, com sistema construtivo do século XIX. Apresenta-se subutilizado e seus espaços foram modificados, mostrando indícios de que, até pouco tempo, funcionaram como um engenho de açúcar, visto que, no interior, existem duas chaminés de tijolo maciço (f.16).

A parte frontal da casa-sede, por onde é feito o acesso nobre, está localizada neste nível. A sua frente, antes utilizada como terreiro de café, encontra-se gramada, tendo sido adaptada para um jardim composto de uma fonte em cimento branco, a partir da qual nascem três caminhos em pedras (f.17), um dos quais chega a uma árvore circundada por calçamento também em pedras e o outro leva a um caramanchão que se liga a um terceiro terreiro de café, dando a esse jardim um aspecto romântico (f.61). Esses terreiros são separados pelos desníveis do terreno e estruturados por calhas em tijolos e pedras. (f.01, 37 e 34).

O morador / administrador nos informou que o artefato de pedra colocado ao lado da cozinha corresponde a um marco de divisa de sesmaria (f.54).



04



05



06



07



08



09



10



11



12



13



14



15



16



17

Construída em uma encosta, a casa-sede apresenta fachadas com um e dois pavimentos. Embora tenha acesso por suas quatro faces, aquelas com dois pavimentos (frontal e lateral esquerda) se destacam por possuírem um acabamento mais requintado, como cunhais em relevo, esquadrias mais trabalhadas e uma rica cimalha como coroaamento. Ambas possuem, centrada, uma larga portada no piso inferior, que leva a escadas de acesso ao pavimento nobre (f.41, 42, 43, 49 e 50).

A planta baixa deste solar fecha-se num retângulo, com um pequeno pátio ao centro marcado por um chafariz decorado com dois golfinhos (f.39 e 40) e para onde se abrem algumas portas em arco gótico e a varanda que percorre o bloco do fundo e a lateral direita (f.39 e 40).

Seus compartimentos principais ficam localizados no bloco da fachada frontal e na lateral esquerda, sendo provável que a casa tivesse inicialmente somente esses dois blocos, formando um "L". A hipótese ganha corpo devido ao sistema construtivo e à própria arquitetura das demais partes da casa, que mostram diversos acréscimos. Os mais evidentes são os encaixes dos prolongamentos dos panos de cobertura. Percebe-se que a trama da cobertura da cozinha fecha em tacaniças, usualmente utilizadas em empenas de fundos, levando a crer que se tratava do ponto final da casa em uma época passada (f. 24).

No pavimento inferior, a construção conta com alvenaria em pedra de mão, formando uma parede espessa, com as aberturas das esquadrias chanfradas internamente a 45° (f.21 e 23). Já o pavimento superior apresenta estrutura em madeira (barrotes, pilares, madres, frechais e escadas de acesso), com fechamentos em pau-a-pique, além de piso tabuado e forro em madeira (f. 22, 25 e 42), com tingimento através da técnica de pintura raspada, também utilizada nas esquadrias internas (f.51 e 52).

A fachada frontal está resolvida dentro das regras do Neoclássico, aqui ditada, principalmente, pelo respeito à simetria e à modulação. O pavimento inferior tem a porta principal centralizada, com verga caprichosa – reta ao centro e arrematada com quartos de arcos reversos nas extremidades. Esta porta está ladeada, à direita e à esquerda, por quatro janelas e uma porta secundária, todas com vergas retas, sendo marcada por dois pequenos leões em massa. Além destes vãos, há dois óculos para respiro, nos extremos do porão, com interessante trabalho em estuque (f.60). Na parte superior ficam doze vãos de janelas, anacronicamente, em arco ogival, por suposto, antítese do neoclassicismo.



34



35



36



37



38



39

A casa-sede apresenta, no pavimento inferior de suas fachadas frontal e lateral direita, vãos de janelas em vergas retas, com umbrais, peitoris e folhas cegas de abrir na cor verde, além de guilhotinas na cor branca (f.34 e 35). No pavimento superior, vergas de arco ogival, umbrais, peitoris e folhas cegas de abrir na cor verde. Guarnecendo-as, bandeiras e guilhotinas em caixilharia de vidro recebem pintura na cor branca (f.34 e 35). A porta externa principal, situada no pavimento inferior e já descrita, é acompanhada por outras com cercaduras e folhas de abrir cegas e lisas, apresentando cor verde, contando, além destas, uma outra na madeira natural, sem pintura (f. 34 e 35).

Nas fachadas que se voltam ao pátio central da casa-sede, portas com vergas em arco gótico e cercaduras em madeira na cor azul são guarnecidas por esquadrias de duas folhas em madeira, pintadas de azul e antecedidas por bandeiras externas em caixilhos de vidro pintados de branco (f.40). As janelas mantém vergas em arco gótico, umbrais, peitoris e folhas de abrir na cor verde, apresentando bandeiras e guilhotinas na cor branca (f.39 e 40). No avarandado, portas e janelas mantém a mesma conformação, porém, em vergas retas e com pintura na cor verde.

Nas fachadas frontal e lateral esquerda do solar, o beiral é composto por cimalha de madeira com serviço de carpintaria de boa feição, mantendo uma barra com frisos encimada por dentículos (f.36). Nas demais fachadas, o beiral é acachorrado à 90° (f. 20, 38 e 39).

A entrada superior de maior expressividade é a que fica próxima à capela, que é dedicada a São Paulo. Ela volta-se para os fundos, próxima à portada externa que leva para a fachada lateral esquerda (f. 07). A capela mantém altar entalado, com retábulo de frontispício clássico grego e forro em gamela, sendo separado de sua longilínea nave por vão com verga semelhante à da portada de acesso principal, que é vedado por uma esquadria cega em quatro folhas (f.46, 47 e 48).

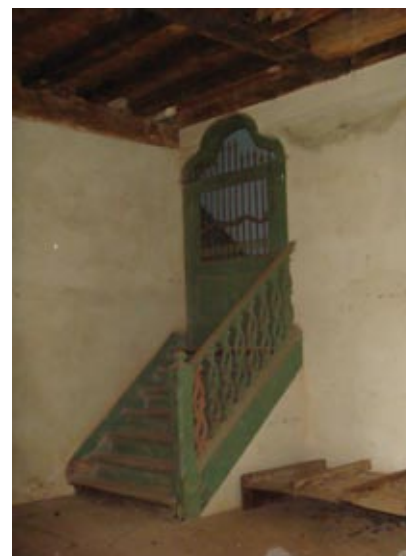
Internamente, na casa-sede, as portas das escadas de acesso, apresentam-se em madeira cega, almofadada na parte inferior e guarnecidas por gradeado em madeira a meia altura, recebendo fechamento superior por setas (f.41 e 43). As demais portas e janelas possuem verga reta, com pintura raspada, deixando a mostra a madeira em estado natural (f.45, 46 e 51).

O bloco do engenho de café / tulha dialoga interessantemente com o da morada, estando implantado paralelo e algo recuado a ela e mantendo escala e conformação arquitetônica semelhantes às da casa-sede (f.01, 08 e 55). Assim como a casa-sede, possui pavimento único na parte dos fundos, onde se destaca o trabalho de ripamento contínuo, que funciona como forro.

Sua fachada frontal possui uma cimalha menos requintada do que a do solar (f. 56), mantendo cachorros nos beirais das demais faces. No pavimento inferior, a porta (f.55 e 57), única, repete a da fachada frontal da casa-sede e suas janelas apresentam vergas retas, com umbrais e peitoris na cor verde. Duas, à esquerda, com gradeados, e, quatro, à direita, com folhas cegas de abrir na cor verde (f.55 e 59). No pavimento superior, janelas com vergas em arco gótico, umbrais, peitoris e folhas de abrir na cor verde, além de bandeiras e guilhotinas na cor branca (f.55, 57 e 58).



40



41



42



43



44



45



46



47



48



49



50



51



52



53



54



55



56



57



58



59



60



61

O solar foi reformado na década de 1990, aparentando não ter sofrido descaracterizações externas. Este detalhamento predeceu-se mais à parte frontal e à lateral direita, que são suas áreas mais autênticas (ver descrição arquitetônica).

Foram notadas trincas apenas no cunhal direito da fachada frontal, a partir de sua meia altura (f.18 e 19).

O assoalho em madeira apresenta junta cega e está presente em grande parte da casa, apresentando bom estado (f.28, 44 e 45). No piso inferior, conjuga blocos de pedra lavrada com tijolos de barro queimado (f.29 e 30).

Em todos os ambientes vistoriados os forros estão em bom estado de conservação. O pavimento superior apresenta-se, em alguns compartimentos, sem pintura tradicional, com uma técnica que tira sua originalidade (f. 52 e 53) e, no pavimento inferior, o próprio assoalho do pavimento superior, acima dos barrotes, é utilizado como forro (f.21 e 25).

O revestimento externo apresenta sujidade na base do pavimento inferior, ocasionado pelos respingos de chuva do beiral (f.26, 35, 37 e 54). Nota-se também presença de sujidade devido ao escorrimento abaixo dos umbrais das janelas, no pavimento superior de ambos os blocos (f. 18, 26, 34, 55 e 57).

O solar mantém beiral com cimalha bem conservada na fachada frontal (f.36 e 26), além de trecho acachorrado em estado de conservação mediano (f.05) aos fundos. No prédio do engenho de café / tulha este apresenta-se bem conservado (f.55, 56 e 57).

As esquadrias, no pavimento superior do bloco do engenho de café / tulha, estão com a pintura desgastada e com algumas unidades com as folhas degradadas na base, devido ao acúmulo de água (f.57 e 58). No pavimento inferior de ambos os blocos (solar e engenho de café / tulha), as portas tem os socos e a parte baixa das folhas degradadas, devido aos respingos de chuva do beiral (f.26, 27 e 57).

Nas fundações do bloco do solar e do bloco do engenho de café / tulha há umidade na base, ocasionada pelos respingos de chuva do beiral (f.26, 35, 37 e 57) e, em ambos, existe calçada de contorno em pedra de mão (f.26 e 54).

Nas vedações de parede, o emboço que revestia o muro de arrimo do pavimento inferior foi retirado, deixando à mostra o substrato em pedra(f.21). O pavimento superior apresenta alvenaria em argamassa de barro com tramado de pau-a-pique (f.22). Por serem acréscimos posteriores, os blocos lateral esquerdo e dos fundos possuem paredes em tijolo de barro.

A cobertura desenvolve-se em dez águas na casa-sede e em quatro no engenho de café / tulha, não sendo possível acessar a estrutura da cobertura, entretanto, pelas aberturas na cozinha e no *hall* podemos perceber que as tesouras e cumeeiras estão em bom estado (f.24). Estes telhados são recobertos por telhas capa e canal, apresentando pátina natural, decorrente do envelhecimento (f.38 e 39) e mantendo caminhos feitos com massa de barro para manutenção da cobertura (f39).

A estrutura de madeira apresenta pilares, madres, frechais, barrotes, contra-barrotes e escadas em bom estado de conservação (f.25, 41, 42, 43, 49 e 50).



18



19



20



21



22



23



24



25



26



27



28



29



30



31

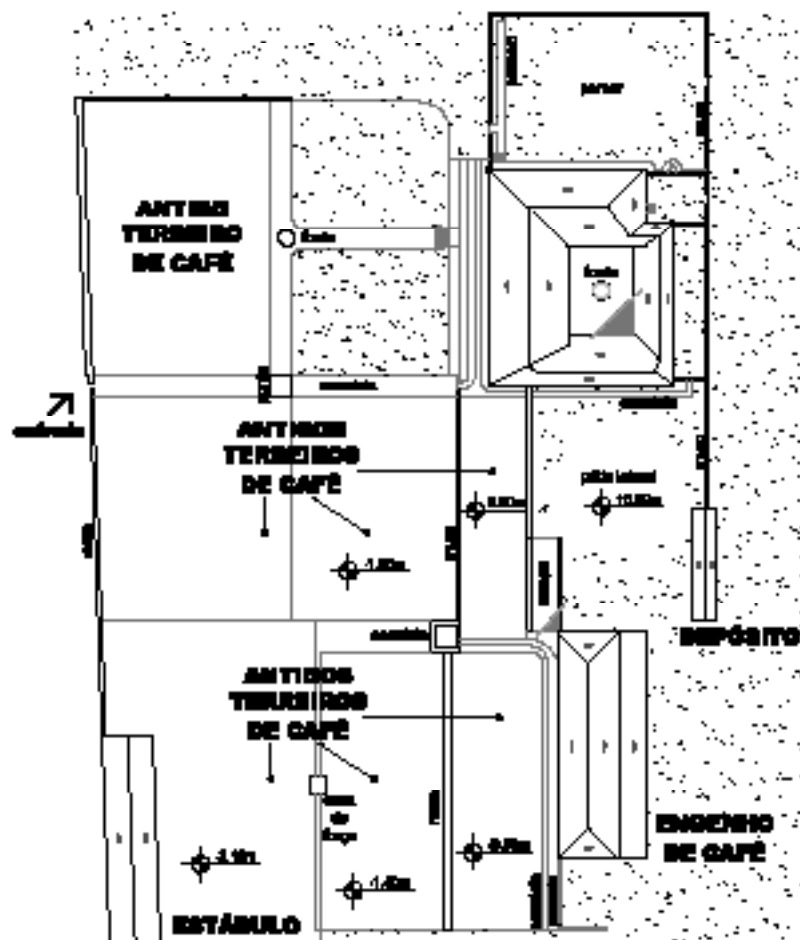


32

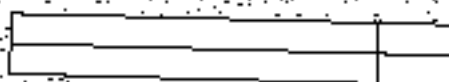


33





ENGENHO  
DE CANA



**1** FAZENDA SÃO PAULO  
Planta de Plantação escala: 1/2000



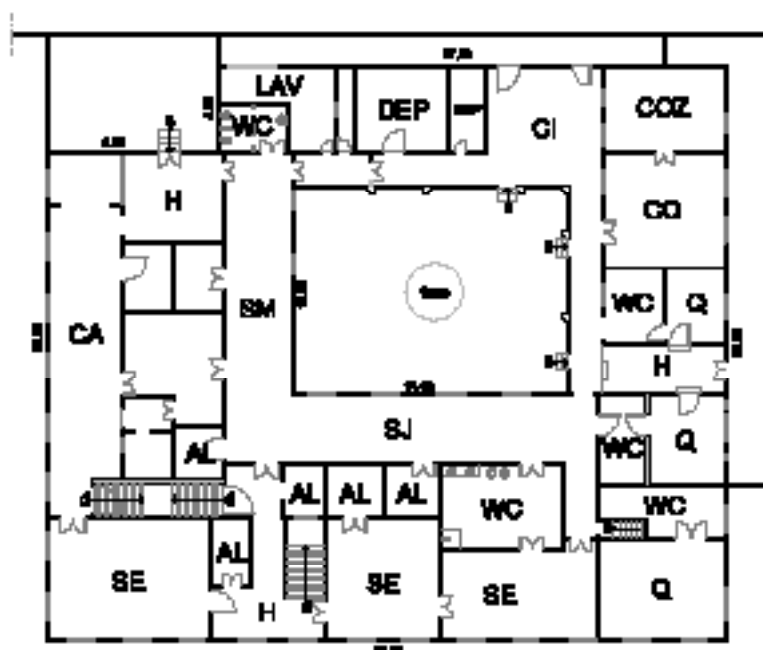


Fig. 1 - Planta baixa de 0000 - 1980 escala 1/100

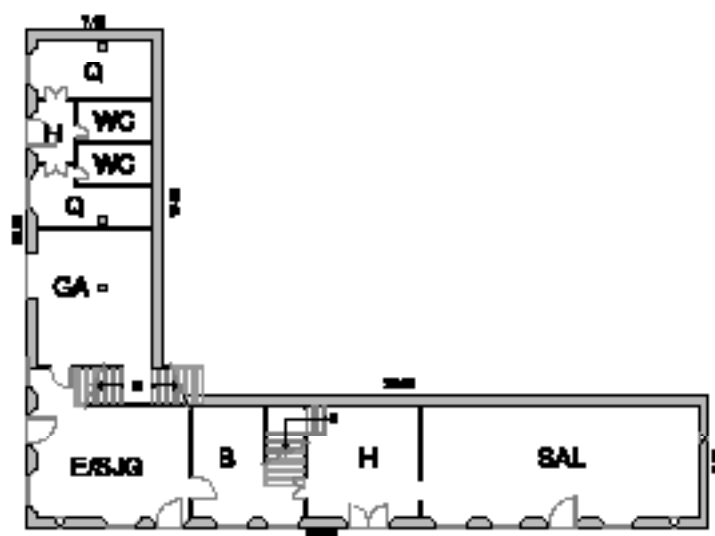


Fig. 2 - FAZENDA SÃO PAULO  
Planta baixa de 0000 - 1980 escala 1/100



AL - Alcoa	CI - circulação	DEP - depósito	LAV - lavanderia	VE - sala de vestir	SM - sala de máquinas	— elemento existente
B - bar	CO - copa	GA - garagem	Q - quarto	SJ - sala de jantar	VA - varanda	
GA - garagem	UCS - cozinha	E - cozinha	SAL - salão	ESJG - sala de jogos	WC - banheiro	

Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense

AIII - FQ1 - Val

2/2

autor: Arnivaldo Barros N. da Silva / Mauro Reis / Rita de Fátima Vieira	desenhista: José Ronaldo Reis Novais	revisor: Franciely Bourquet	data: nov 2007
---	---	--------------------------------	-------------------

A fazenda São Paulo teve origem em terras da sesmaria de meia légua em quadra concedida a Francisco Joaquim Freire, cujo pedido foi realizado em 1809 e julgado em 1812. Em 1821, Freire realiza a medição e demarcação das terras, como mandava a Lei.

Tudo leva a crer que Francisco Joaquim Freire vendeu a sesmaria em pura mata virgem ao Dr. Antonio Joaquim Fortes de Bustamante. Há dados históricos que nos levam à conclusão de que o negócio, entre Freire e Fortes, foi realizado na década de 1830. A sesmaria de São Paulo foi acrescida de mais duas outras vizinhas, também adquiridas por compra, a saber, as de Domingos Francisco de Souza e Antônio Nogueira da Silva.

Homem de grande projeção social, Dr. Antônio Joaquim Fortes de Bustamante foi, em 1842, Fidalgo Cavaleiro da Ordem de Cristo. Bacharel em Direito pela Universidade de Coimbra, onde se formou em 1823, retornou ao Brasil e logo foi nomeado Ouvidor da Comarca de Rio das Mortes e, em seguida, Provedor da Fazenda na mesma Comarca. Em 1834, foi nomeado Juiz de Direito da Comarca de Resende e, em 1867, Secretário de Polícia e Desembargador do Tribunal do Distrito da Corte.

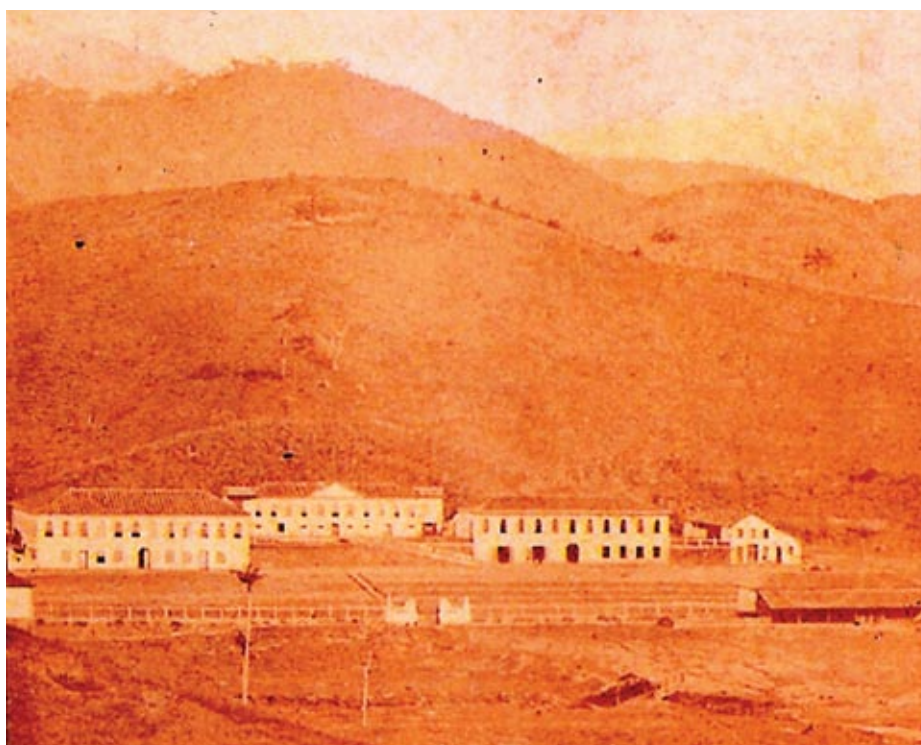
Casou-se em 1840, na Corte do Rio de Janeiro, com a portuguesa Ormindia Constança Louzada, com quem teve dois filhos: Adriano e Antônio.

A sede da fazenda São Paulo, um casarão construído na primeira metade do século XIX, caracteriza-se pela imponência e originalidade de suas janelas e portas em estilo neogótico, voltadas para o imenso terreiro de secar café, um dos quais se encontra, hoje, gramado. A área íntima da casa, no segundo pavimento, compreende vários quartos, salas, alcovas e uma capela, sendo esta última dedicada a São Paulo. Há também um pequeno pátio interno quadrado com uma fonte ao centro.

Em 7 de maio de 1870, Dr. Antônio Joaquim Fortes de Bustamante veio a falecer, na sua chácara situada no bairro do Caju no Rio de Janeiro, aos 69 anos de idade. Os autos do formal de partilha permitem avaliar a grande riqueza acumulada pelo desembargador ao longo da vida. À época de sua morte, a fazenda contava com um cafezal de 550 mil pés, 400 alqueires de feijão e 300 de arroz, além de dispor de 176 escravos. A unidade de produção de café era composta de diversas edificações, entre elas: senzalas, tulha, enfermaria para escravos, engenho para socar café e engenhos de cana e de farinha de mandioca, além de moinhos, alambiques, estrebaria e paióis.

Em 1873, casa-se novamente no Rio de Janeiro D. Ormindia Constança, com o Bacharel em Direito Bernardino Pamplona de Menezes, amigo de seu filho e também Bacharel em Direito, Dr. Adriano Fortes de Bustamante.

D. Ormindia faleceu na fazenda São Paulo aos 80 anos de idade.



Fazenda São Paulo, s.a., séc. XIX (Acervo A. Novaes)

Em 1915, depois de enfrentar os percalços decorrentes da abolição da escravatura, os herdeiros de D. Orminda resolvem vender a fazenda. Esta foi então adquirida por um empresário de origem portuguesa, o coronel Manoel Joaquim Cardoso, que se tornou um dos maiores produtores de café e proprietário de várias fazendas vizinhas, como São Fernando, São José e Capoeirão.

Após a crise de 1929, também o coronel começa a passar por dificuldades. Nessa ocasião, apóia a candidatura do Dr. Júlio Prestes à Presidência da República e associa-se à Companhia Magalhães e Cardoso Ltda. Seis anos mais tarde, em 1935, a fazenda já pertencia somente à família Magalhães.

Em 1990, a fazenda foi adquirida pela empresa M.M.N. Administração e Participação de Bens LTDA., cujos administradores vêm recuperando todo o conjunto arquitetônico remanescente do período cafeeiro. A antiga sede, inabitada desde 1915, foi recuperada e remobiliada de acordo com a época.



Mapa Topográfico da Fazenda São Paulo, 1851  
(Acervo da Fazenda São Paulo)